

IENSEN, Clarissa; CAMPOS, Flávio. **Riscar o dojo, traçar caminhos para dançar livremente:** o processo BPI e o autoconhecimento. Santa Maria: UFSM; Bolsista pelo programa PIVIC. Bacharelado em Dança (em andamento), UFSM. Orientador Flávio Campos. Professor Adjunto do Curso de Dança Bacharelado.

RESUMO: No presente trabalho apresentaremos alguns apontamentos iniciais sobre a experiência da primeira autora com o eixo *Inventário no Corpo* do método BPI. Trata-se de um estudo sobre este Método que é aplicado, tanto para a formação, como para a criação em artes da cena, considerando sua perspectiva integrativa para pensar o corpo através de um processo singular de aprofundamento e reconhecimento do sujeito sobre si mesmo. O desejo de investigar com mais profundidade tal processo surgiu na disciplina de Danças do Brasil III realizada em 2019, na Universidade Federal de Santa Maria. Nesta disciplina são utilizados alguns aspectos e ferramentas do BPI com o intuito de proporcionar aos alunos uma reflexão, quiçá decolonial, sobre cultura, folclore e tradição dentro da diversidade complexa que constitui as noções de brasilidade. Ao longo do semestre começamos a perceber como a aplicação dos eixos e ferramentas do método reverberavam nos corpos da turma. A partir dessa percepção surgem algumas questões: “o que vem à tona?”; “como libero essas sensações, esses sentimentos, imagens e movimentos?”; “o que e como o outro e seus processos me provocam?”. Essas questões somadas ao desenvolvimento da disciplina foram nos conduzindo para a necessidade de compreender de modo mais verticalizado o procedimento formativo proposto pelo método BPI, bem como, os desdobramentos vinculados tanto à elaboração que se dá dentro dos laboratórios dirigidos, como no desvelar do eixo *Inventário no Corpo*. Almejamos, por fim, através de estudos teóricos e práticos do BPI, compreender e vivenciar como essa metodologia influencia no movimento, no reconhecimento e na reconexão com nosso corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Método BPI. Autoconhecimento. Inventário no corpo. Processo de criação. Formação em dança.

ABSTRACT: In the present work we will present some initial notes on the experience of the first author with the 'Inventory in the Body' axis of the BPI method. It is a study of this Method that is applied both to training and to creation in the performing arts, considering its integrative perspective to think about the body through a singular process of deepening and recognition of the subject over himself. The desire to investigate this process in greater depth arose in the discipline of 'Dances of Brazil III' held in 2019, at the Federal University of Santa Maria. In this course, some aspects and tools of BPI are used in order to provide students with a reflection, perhaps decolonial, on culture, folklore and tradition, within the complex diversity that constitutes the notions of Brazilianness. Throughout the semester, we began to realize how the application of the axes and tools of the Method reverberated in the bodies of the class. From this perception some questions arise: "what comes to the surface?"; "how do I release these sensations, these feelings, images and movements?"; "what and how does the other and his processes provokes me?"

These questions, added to the development of the discipline, have led us to the need to understand, in a more verticalized way, the formative procedure proposed by the BPI method, as well as the developments linked both to the elaboration that takes place within the directed laboratories and in the unveiling of the Inventory in the Body axis. Finally, through theoretical and practical studies of the BPI, we aim to understand and experience how this methodology influences the movement and recognition of our body and reconnection with it.

KEYWORDS: BPI method. Self-knowledge. Inventory in the body. Creation process. Training in dance.

Esse trabalho teve início com as experiências da primeira autora com o eixo *Inventário no Corpo* do Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). O seu primeiro contato com aspectos e ferramentas desse Método foi em 2017 na disciplina de Consciência Corpora II ministrada pelo professor Flávio Campos, coautor deste trabalho, no curso de Dança – Bacharelado da UFSM, momento em que começou a reconhecer as histórias, os sentimentos, as memórias vividas e/ou inventadas que habitavam e estavam incrustadas em seu corpo. Aquela experiência foi marcante e trouxe à tona, à flor da pele, uma série de conteúdos e gestos genuínos que pediam para serem liberados e elaborados cenicamente. Mas, foi só no primeiro semestre de 2019 que a primeira autora decidiu que era hora de realizar um estudo prático-teórico que viabilizasse um conhecimento aprofundado sobre o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) e seus desdobramentos na formação em Artes da Cena. A saber, o método BPI foi criado em 1980 pela Prof^a. Dra. Graziela Rodrigues e, desde então, vem sendo desenvolvido teórica e praticamente pelo Grupo/Núcleo BPI sediado na UNICAMP.

O BPI é um Método brasileiro voltado para a formação e para a criação cênica, desde uma perspectiva integrativa e estruturado a partir de três eixos: *Inventário no corpo*, *Co-habitar com a fonte* e *Estruturação da personagem*. Graziela Rodrigues, em sua tese de doutorado (RODRIGUES, 2003), nos apresenta como se deu a consolidação dessa estrutura dinâmica e sistêmica ao longo do desenvolvimento de diversas experiências processuais. No primeiro eixo, *Inventário no Corpo*, há um mergulho na história pessoal do indivíduo em processo, liberando, reconhecendo e elaborando as memórias

incrustadas no corpo. Ângela Nagai, em sua reflexão de mestrado, afirma que nesse momento do processo “abrimos as malas, os baús, pequenos envelopes amarelados; destrancamos gavetas, janelas, espalhamos fotografias, cavamos poços, entramos em quartos escuros, acendemos as luzes” (NAGAI, 2008, p.3). Trata-se, portanto, de um reconhecimento profundo de si e dos conteúdos relacionais e socioculturais que estão presentes no corpo. É o momento em que nos deparamos com aspectos velados, negados e desconhecidos, principalmente aqueles vinculados a uma brasilidade que ficou alijada da história que nos contam.

No segundo eixo, *Co-habitar com a Fonte*, somos convidados a olhar “os outros” e modos como nos relacionamos num contexto que, em princípio, nos parece desconhecido. O cerne da vivência deste eixo está na identificação cinestésica que nos propiciará, através do contato afetivo dotado de respeito e empatia, um aprofundamento do autoconhecimento e uma experiência de alteridade. Ou seja, o encontro com o outro reverbera profundamente no modo como nos reconhecemos e nos colocamos no mundo.

A *Estruturação da Personagem*, terceiro eixo do BPI, é o momento em que se dá a junção das experiências anteriores, com a nucleação das elaborações corporais e das reflexões que floresceram ao longo do processo, para uma estrutura síntese. Ou seja, todas as imagens corporais e/ou mentais, as sensações, os sentimentos e os movimentos vão revelando um corpo que traz consigo uma história própria, um nome, um sentido para sua dança: a essa nucleação damos o nome de incorporação da personagem no método BPI. Graziela afirma e ratifica que no momento da incorporação da personagem “há uma grande fluidez de movimento, com características bem delineadas e em lugares bem definidos. O que está no corpo ganha um nome. Ela dança um nome” (RODRIGUES, 2003, p.128). Esse nome que é dançado diz do ápice do Processo BPI e é fruto do trabalho sistêmico, dinâmico e paulatino com os três eixos que estruturam o Método.

Começar o estudo desse Método expande a noção de ser e do fazer artisticamente. No BPI o corpo é visto através da integração dos aspectos fisiológicos, mentais, emocionais, culturais e sociais, tendo em vista a

singularidade de cada corpo e seus processos de aprofundamento e reconhecimento de si mesmo. Estudar e pensar esse Método de forma prático-teórica é, acima de tudo, entender que o eu-corpo guarda memórias e histórias. Percebemos que compreender essa relação do corpo como contador da sua própria história faz parte das vivências com essa metodologia. E isso parece estar em consonância com o que nos diz Clarissa Estés:

O corpo se lembra, os ossos se lembram, as articulações se lembram. Até mesmo o dedo mínimo se lembra. A memória se aloja em imagens e sensações nas próprias células. Como uma esponja cheia de água, em qualquer lugar que a carne seja pressionada, torcida ou mesmo tocada com leveza, pode jorrar dali uma recordação. (ESTÉS, 2018, p. 230).

O processo formativo proposto pelo método BPI dá ênfase à prática sem, no entanto, se desfazer da teoria. É indispensável que haja uma complementariedade entre ambas e, ter experienciado seus eixos e ferramentas na prática, para depois me dedicar às leituras e discussões das teorias já publicadas sobre o BPI, tem feito com que meu corpo se reorganizasse. O que antes não fazia muito sentido para mim, agora é realizado com mais atenção, consciência, segurança, gerando assim diversas reflexões sobre os estudos do corpo e das artes da cena. Observar e vivenciar corporalmente traz à tona aquilo que foi lido e confirma a experiência processual, o que me parece criar uma maior potência criativa e ampliar a percepção sobre o que se está estudando. Essa reflexão se deu, tanto no processo singular desta primeira autora em sua Iniciação Científica Voluntária sobre o BPI, com a observação e fruição com os colegas na turma de Danças do Brasil III e IV no curso de Dança da UFSM no ano de 2019. Nesta disciplina, é importante ressaltar, são utilizadas algumas ferramentas e procedimentos do Método BPI. A experiência mais verticalizada com o Processo BPI requer outro espaço-tempo para sua realização plena.

De modo geral, as disciplinas de Danças do Brasil, quando ministradas pelo professor Flávio, têm como intuito proporcionar aos alunos uma reflexão, quiçá decolonial, sobre cultura, folclore e tradição dentro da diversidade complexa que constitui as noções de brasilidade. Para tanto, são utilizados alguns aspectos dos eixos do BPI e das suas ferramentas: “Laboratórios

Dirigidos” (trabalho com o *dojo*: espaço onde exploramos os conteúdos internos); *Técnica de Dança* (a Estrutura Física e Anatomia Simbólica presente nas práticas corporais); *Diários* (registros permanentes feitos através de escritos, desenhos e modelagens); *Pesquisa de Campo* (conexão de corpo inteiro do intérprete com o contexto social pesquisado); *Técnica dos Sentidos* (elaboração e compreensão dos sentimentos, das sensações, dos movimentos, das imagens que aparecem ao longo do Processo). A partir da experiência prática-teórica e de observações em sala de aula, surgem algumas questões que compartilho aqui: “o que vem à tona?”; “como libero essas sensações, esses sentimentos, imagens e movimentos?”; “o que e como o outro e seus processos me provoca?”. Essas questões são importantes e pertinentes pois elas vão margeando e conduzindo os desdobramentos do meu processo de investigação sobre o BPI.

Continuo mergulhando em minha história pessoal, em minhas memórias vividas e/ou inventadas, buscando dar vazão às imagens, movimentos, sensações e sentimentos incrustados no corpo – conhecidos, desconhecidos e negados. Conseqüentemente, vou seguindo meus estudos e tecendo reflexões sobre o BPI enquanto vou modelando e reconhecendo esse corpo que habito. Hoje já posso constatar que o processo do BPI proporciona ao intérprete uma maior consciência e centração na criação, na elaboração e expressão de movimentos dotados de sentidos, trazendo, ainda, um maior reconhecimento, aceitação e reconexão com o próprio corpo que passa a integrar os seus aspectos psicofísicos, sociológicos e culturais em sua dança. Entendo o quão importante é compreender a singularidade de cada intérprete e o que é pensar o corpo dentro da perspectiva integrativa do Método. Isto nos faz valorizar e reconhecer, na prática, o corpo do intérprete como primeiro autor e fonte principal da criação na óptica do método BPI.

Referências

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

NAGAI, Ângela. **O dojo do BPI**: lugar onde se desbrava um caminho. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **O método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal:** reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado nesse método. 2003. Tese (Doutorado em Artes)-Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.